

# *Capacitação de animadores culturais: uma experiência na comunidade do Morro do Borel*

Victor Andrade de Melo<sup>1</sup>  
Marcos Avellar do Nascimento<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo descrever uma experiência de capacitação de animadores culturais na comunidade do Morro do Borel, um conjunto de favelas localizado no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. O trabalho de capacitação desenvolveu-se junto à 'Associação Projeto Roda Viva', organização não governamental que promove iniciativas ligadas à recuperação da cidadania dos moradores daquela comunidade. O artigo procura apresentar as diversas fases pelas quais passou o trabalho nos últimos quatro anos, as principais considerações teóricas no seu desenvolvimento, bem como os fatores limitantes de nossa atuação. Com esse relato esperamos apresentar alguns indicadores que possam contribuir com profissionais envolvidos em experiências semelhantes, chamando a atenção para as peculiaridades de propostas de lazer desenvolvidas em comunidades de baixa renda.

**PALAVRAS-CHAVES:** lazer; formação profissional; comunidades de baixa renda

---

<sup>1</sup> Professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Professor integrante do Projeto Roda Viva/Sociedade educacional Natação 280.

## Introdução

*"...O Rio é uma cidade de cidades misturadas.  
O Rio é uma cidade de cidades camufladas.  
Governos misturados, camuflados, paralelos,  
Sorrateiros, ocultando comandos".*

(Rio 40 graus - Música de  
Fernanda Abreu, Fausto Fawcett, Laufer)



Violência, desordem, caos urbano. Nos últimos anos têm sido comum a associação de tais imagens à cidade do Rio de Janeiro. Em grande parte das vezes, as favelas acabam sendo consideradas como a 'personificação do mal', implícita ou explicitamente encaradas como únicas e/ou principais responsáveis por esses problemas que afligem a cidade.

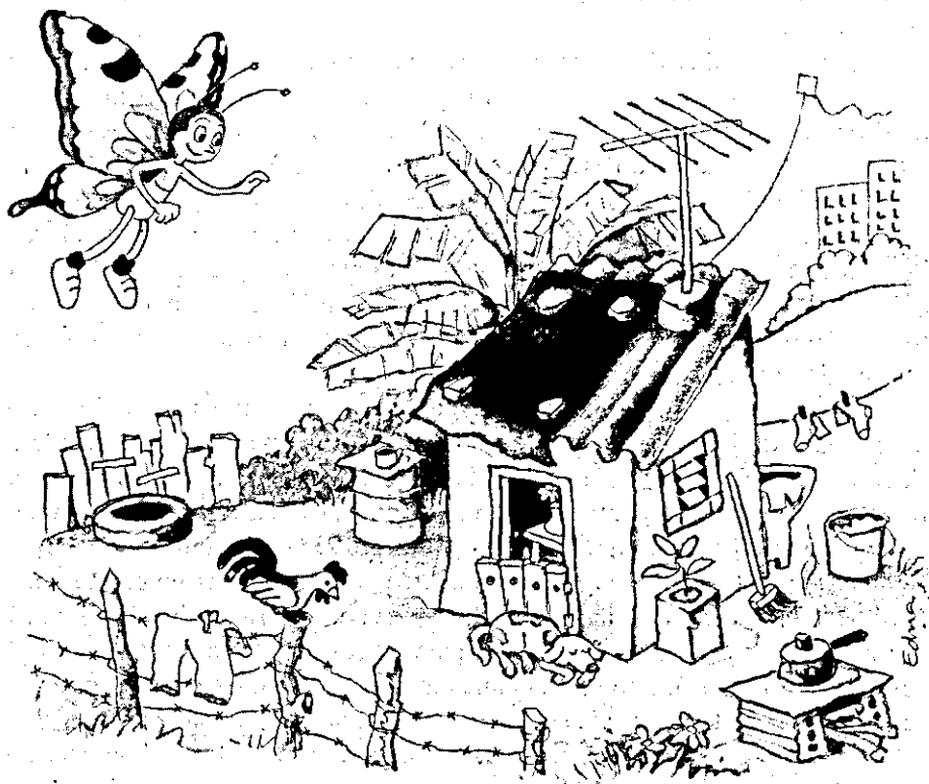
Existem sem dúvida muitos exageros e limitações nessas compreensões exacerbadas e nessa associação linear. A cidade ainda não está imersa totalmente nesse clima de terror como procura divulgar a imprensa. Nem tampouco a culpa de tal situação vem necessariamente das favelas. Se nestas comunidades estão situados setores significativos do crime organizado, estes são minoritários se comparados ao número de pessoas/trabalhadores honestos que lá residem, a despeito das difíceis condições de vida. Além disso, os verdadeiros patrocinadores da 'desordem' não moram nas favelas, mas estão muitas vezes bem instalados nas coberturas e mansões das partes nobres da cidade.

A despeito dos exageros, não podemos negar que o aumento da violência urbana, das desigualdades sociais e do processo de favelização da cidade é flagrante. Surgidas no século XIX, desde então tais comunidades crescem rapidamente, principalmente nos últimos 20 anos, fruto do aumento denotado da desordem econômica que reina no país e no Rio de Janeiro. Somente na Zona Oeste da cidade, a população residente em favelas passou em 12 anos (1980-1991) de cerca de 65 mil habitantes que viviam em aproximadamente 15 mil residências para mais de 120 mil pessoas residindo em cerca de 29 mil casas (PIRES, 1996). Isto é, praticamente dobrou o número de pessoas que sem outra opção tiveram que se alojar em comunidades dessa natureza.

Na verdade, não devemos considerar todas as favelas de forma homogênea. Entre as mais de 100 comunidades desse tipo existentes na cidade do Rio de

Janeiro, podemos observar claras diferenças no que se refere às condições de urbanização, ao acesso a direitos sociais básicos (esgoto, água, luz, escola, lazer, entre outros) e à exposição a violência. Todavia, mesmo considerando tais diferenças, não seria equivocado afirmar que grande número de pessoas está vivendo em situação de risco e de baixa qualidade de vida.

Esse é o caso do comunidade do Morro do Borel, um conjunto de favelas localizado no bairro da Tijuca, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Mesmo apresentando condições de urbanização um pouco melhores, tal comunidade é uma das mais complicadas devido a violência e a forte ação do crime organizado. O Morro do Borel é inclusive palco de disputas constantes entre os dois grupos mais fortes no comércio de drogas da cidade (Terceiro Comando e Comando Vermelho). É especificamente sobre um trabalho desenvolvido nessa comunidade que pretendemos discorrer neste artigo.



As origens deste trabalho encontram-se na fundação da organização não governamental (ONG) 'Associação Projeto Roda Viva', criada em 1988 por um grupo de profissionais preocupados com a construção/recuperação da cidadania de crianças e adolescentes em situações de risco na cidade do Rio de Janeiro.

A idéia original era mobilizar um grupo multidisciplinar que procurasse abordar os problemas e prestar atendimento a esses grupos, sob os mais diferentes enfoques (saúde, educação, ecologia, esporte e lazer, entre outros), a partir de uma perspectiva não assistencialista de cidadania. A preocupação central era contribuir para esclarecer tal população acerca de suas necessidades, estimulando sua autonomia e seu engajamento em ações de reivindicação e de libertação da situação de opressão que os aflige.

O trabalho na comunidade do Borel, escolhida devido ao complicado quadro local e às possibilidades operacionais de acesso, começou em 1990, entre outras ações com a realização de uma Colônia de Férias para 350 crianças na Chácara do Céu, uma das favelas que compõe o complexo comunitário (MACHADO, 1994). Foram implementados, inicialmente, um projeto de alfabetização e uma escolhinha de futebol, de acordo com as solicitações da comunidade.

Nosso objetivo neste artigo não é especificamente falar sobre o projeto de esporte/lazer da 'Associação Projeto Roda Viva' desenvolvido na comunidade desde então, mas apresentar nossa experiência como consultores e capacitadores de animadores culturais ligados a tal projeto. Pretendemos apresentar as diversas fases pelas quais nosso trabalho passou, as estratégias desenvolvidas para atingir nossos objetivos, os pressupostos teóricos básicos encaminhados, bem como alguns fatores limitantes de nossa atuação.

Esperamos que a apresentação de nosso trabalho possa contribuir com outros profissionais envolvidos com experiências semelhantes, estabelecendo um canal de diálogo/troca de impressões, chamando a atenção para as peculiaridades de propostas de lazer desenvolvidas em comunidades de baixa renda.

### **A capacitação de animadores culturais no Morro do Borel: primeira fase**

O trabalho de consultoria e capacitação começou no ano de 1995. Naquele momento, mesmo contra nossa vontade, foram implementados dois projetos separados: um para esporte e outro para recreação/lazer. Encarávamos tal separação como uma impropriedade teórica, já que o projeto estava ligado a construção da cidadania do público-alvo numa perspectiva crítico-superadora.

Vislumbrávamos a necessidade de implementar não vários projetos separados, mas um projeto único de lazer, mesmo que com ênfases diferenciadas em diversas atividades de acordo com os interesses da comunidade.

O argumento utilizado para tal separação era a questão dos financiamentos. Como muitas ONGs, a 'Associação Projeto Roda Viva' sempre viveu de incentivos de fundações internacionais (Fundação Ford, Mac Arthur, Kellogs, Unicef, programas específicos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, entre outras) e ficaria mais fácil conseguir patrocínio para projetos diversos ao invés de somente um unificado.

Na verdade, o relacionamento com essas fundações sempre nos incomodou. Parece-nos claro que tais instituições não estão interessadas efetivamente em promover uma mudança estrutural da sociedade brasileira, mas sim atenuar algumas desigualdades sociais que de alguma forma incomodam os países de origem, conseguir incentivos fiscais em seus países, além da construção de uma 'boa imagem' das empresas; uma imagem voltada a um suposto 'compromisso social'.

Isso ficava denotado até mesmo no salário que nos era oferecido e aos animadores culturais, bem abaixo do que considerávamos adequado. Sem falar que não nos era oferecido nenhum benefício trabalhista (carteira de trabalho, férias remuneradas etc.). Também nos incomodava uma relação de financiamento estabelecida simplesmente a partir de estatísticas. Isto é, para garantir a provisão monetária freqüente, o projeto deveria atingir um número determinado de 'atendimentos' (inscrições), independente de preocupações com a qualidade.

Apesar desses problemas, julgamos ainda assim possível e interessante atuar no projeto pelo significado social que ele poderia ter e pelas mudanças de sentido que poderíamos promover no decorrer do tempo. Tratava-se de tentar subverter as expectativas e intuítos originais das fundações financiadoras, sempre deixando claro para os animadores culturais os limites, as distorções e os reais significados desse tipo de patrocínio.

Por exemplo, um passo concreto se deu com a articulação efetiva das consultorias de esporte e lazer, a despeito de oficialmente serem consideradas como projetos separados. Mesmo que realizadas em momentos diferentes, elas foram construídas de forma conjunta pelos dois consultores. Além disso, os animadores freqüentavam ambas as consultorias, independente de sua vinculação original. Dessa forma, na realidade tínhamos um projeto único em desenvolvimento.

A equipe de animadores era basicamente formada por estudantes e/ou recém-graduados em Educação Física, além de alguns jovens que residiam na comunidade. Os professores/acadêmicos eram responsáveis diretos pela intervenção, com o auxílio e acompanhamento dos jovens da comunidade. Já existia a idéia de preparar os moradores para auto-gerirem suas atividades, embora não tenham sido dado passos concretos nesse sentido. Três projetos estavam implementados e em desenvolvimento: escolinha de futebol, recreação para crianças das creches comunitárias e escolinha de capoeira.

Nosso objetivo era contribuir com conhecimentos teórico-práticos, específicos ou não da recreação/lazer, visando potencializar a atuação desses animadores, bem como supervisionar o desenvolvimento das atividades, estabelecendo um processo de diálogo entre a atuação cotidiana e os conteúdos que procurávamos trabalhar nas sessões de capacitação.

Eram realizadas duas sessões de capacitação por semana, cada uma com 3 horas de duração, onde eram trabalhados conteúdos ligados a: aspectos teóricos acerca do lazer e do papel do animador cultural, aspectos teóricos acerca do papel do esporte na sociedade contemporânea, reflexões sobre a atual ordem social, especificidades e características das faixas etárias alvo, oficinas diversas ligadas a possibilidades de intervenção, reflexões sobre as especificidades da comunidade. Além disso, quinzenalmente assistíamos as atividades desenvolvidas pelos animadores, tecendo observações e identificando as dificuldades na implementação do trabalho.

Devido a fragilidade de conhecimentos sobre os assuntos e a heterogeneidade da equipe, inicialmente optamos por destinar uma grande carga horária às discussões teóricas, de forma a construir um referencial coerente de atuação para/com todos os animadores. Desde aquele momento ficaram estabelecidas algumas bases de nosso projeto de capacitação:

#### a) Qualidade das discussões

Embora já não mais seja uma grande novidade e esteja longe de ser um assunto pouco abordado, as intervenções no âmbito do lazer muitas vezes ainda se desenvolvem pautadas em falta de conceituação e clareza teórica. Assim, frequentemente são observáveis alguns problemas entre aqueles que atuam de alguma forma em atividades ligadas a tal âmbito: a redução das atividades a somente alguns de seus interesses (normalmente os interesses físicos), a reprodução da realidade escolar, o completo esvaziamento de objetivos, entre outros. Enfim, não é incomum o desconhecimento das importantes

especificidades que devem ser consideradas em uma atividade desenvolvida sob uma perspectiva de lazer.

A idéia sempre foi deixar claro para os animadores a necessidade de aquisição de compreensões teóricas claras e aprofundadas sobre o assunto, bem como ressaltar a necessidade de articulação entre teoria e prática.

Mesmo com uma equipe heterogênea, nunca pensamos em tornar simplistas as discussões. Tratava-se de efetivamente apresentar os estudos e autores usualmente mais utilizados no âmbito do lazer, acreditando que os animadores teriam a possibilidade de compreender e estabelecer conexões entre os conteúdos apresentados e sua atuação cotidiana, intermediados por nossa atuação no sentido de esclarecimento e promoção de debates.

#### b) A compreensão e o respeito pelas especificidades da comunidade

*"A novidade cultural da garotada  
Favelada, suburbana, classe média, marginal.  
É informática metralha.  
Sub-UZI equipadinha com cartucho musical.  
De batucada digital".*

(Rio 40 graus)

A realidade em que o trabalho do Projeto Roda Viva se insere inspira cuidados maiores. Somente compreendendo que as atividades de lazer, enquanto componentes culturais de uma sociedade, têm características distintas nos diversos meios em que se apresenta, na medida que sofre influências dos mais diversos aspectos que compõe uma realidade social (aspecto político, econômico, religioso etc.), poderíamos potencializar a prática de nossa equipe, a afastando de posturas 'idealistas-ingênuas'. Isso é, seria tão questionável acreditar que por si só as atividades de lazer tenham um potencial suficiente para promover uma mudança da estrutura social, quanto acreditar que tais atividades se referem a uma prática desinteressada, sem conexão com a realidade e sem contribuição para a superação do *status quo*.

Caberia aos animadores ter consciência de suas possibilidades, objetivos e limites, para que pudessem dar passos seguros e efetivos. Tal consciência seria gestada a partir de conhecimento teórico sobre as especificidades de sua prática, aqui encarada em todos os sentidos. Ou seja, não bastaria conhecer somente os principais conceitos teóricos ligados ao lazer, como também seria necessário entender as peculiaridades da comunidade-alvo - sejam sociais,

religiosas, motoras etc., bem como perceber como tais constructos teóricos se aplicarão na prática através do elencar de estratégias possíveis.

Mais ainda, não se tratava de apresentar de forma unilateral um modelo de atividades a serem aplicadas, mas sim de estabelecer uma atuação dialógica, onde o animador procuraria intermediar novos conteúdos culturais com aqueles já existentes na comunidade. Reconheceria-se que aquela comunidade tem padrões culturais próprios, que nem sempre são exatamente reflexos da dominação da indústria cultural. Eles também são produtores de cultura, devem ser considerados dessa forma e tal dimensão deveria ser potencializada.

### c) O descobrimento da cidade e de suas possibilidades

*"Quem é dono desse beco?  
Quem é dono dessa rua?  
De quem é esse edifício?  
De quem é esse lugar?  
É seu esse lugar.  
É meu esse lugar, também é seu.  
É, eu quero meu crachá.  
Sou carioca".*

(Rio 40 graus)

Um dos grande problemas identificados na comunidade foi o desconhecimento das diversas possibilidades que a cidade oferece como opções de lazer. Mesmo estando o Morro do Borel situado em uma região próxima dos mais diversos bens culturais, os aspectos econômicos (falta de dinheiro para acesso) e culturais (desconhecimento e inibição perante a novas possibilidades) afastavam aquelas crianças e jovens da própria cidade em que vivem.

Trataria-se então de extrapolar as barreiras do morro no desenvolvimento do projeto, realizando atividades que pudessem apresentar às crianças/adolescentes os museus, praias, serras, cinemas e todo tipo de manifestação/monumento cultural da cidade. Mais ainda, que tal variedade de opções pudesse contribuir para que a comunidade viesse a (re)pensar a sua realidade.

### **Animadores culturais da própria comunidade: segunda fase**

Nossa idéia inicial era criar uma estrutura em que a práxis estivesse sempre evidenciada, mas que a ênfase central inicialmente se deslocasse da teoria para a prática. Após a aquisição de conhecimentos fundamentais, seria o

momento de reverter: sempre com a práxis em vista, a ênfase central se deslocaria da prática para a teoria. Se primeiro a teoria chamava atenção para os problemas cotidianos, passaria a ser o cotidiano que indicaria a necessidade de discussão teórica.

Contudo, no segundo ano de trabalho houve uma renovação quase que completa da equipe de animadores, com o desinteresse daqueles ligados diretamente a Educação Física, devido a problemas financeiros e mesmo aos problemas específicos do morro, como a questão da violência. Os problemas com financiamento também atingiram diretamente a equipe de consultoria. Tivemos nossa carga horária bastante reduzida, o que de alguma forma nos deu o argumento definitivo para explicitamente unificarmos os projetos de consultoria.

A grande renovação da equipe de trabalho nos levou a ter que praticamente repetir, de forma aperfeiçoada a partir de nossa experiência anterior, a consultoria do primeiro ano. Um fator a ser considerado é que a partir do segundo ano somente trabalhamos com jovens da comunidade, o que a princípio poderia significar um problema. Contudo, achamos por bem reafirmar as características originais de nossa idéia, inclusive no que se refere a discussão dos conteúdos.

Na nossa avaliação não só não houve problema significativo, como também foi perceptível um aumento notável do aproveitamento da consultoria. As supostas deficiências teóricas, já que muitos agentes sequer tinham escolaridade avançada, foram plenamente superadas com o decorrer do tempo. Além de tudo, destacamos o engajamento maior desses jovens nas discussões, sempre atentos e dispostos a aperfeiçoar seu trabalho.

Também é interessante observar que, como moradores da comunidade do Borel, esses jovens compreendiam melhor as peculiaridades do local, eram conhecidos por lá terem sido criados e dominavam a linguagem específica dos habitantes. Isso sem dúvida foi fator determinante para a significativa melhora de qualidade da intervenção.

Paulatinamente as idéias discutidas começaram a ser implementadas de acordo com o que esperávamos inicialmente. Contudo ainda faltava um salto de qualidade. Faltava identificar mais claramente a elaboração de planejamentos e intervenções a partir do referencial teórico que eles já pareciam dominar, conclusão identificada nos debates realizados por ocasião das sessões de consultoria. Chegara o momento de uma nova mudança.

## Um novo momento: a busca da interdisciplinaridade

Com a manutenção da maior parte da equipe e com os avanços qualitativos no trabalho dos animadores, retomamos a idéia original de partir das experiências práticas de intervenção, as tematizando em nossas sessões de consultoria.

Além disso, um outro fator nos impulsionava: a perspectiva de interação dos consultores e animadores do projeto de esporte/lazer com os outros projetos em andamento também organizados pela 'Associação Projeto Roda Viva'. Apontava-se a necessidade de trabalhos multi e fundamentalmente interdisciplinares. De fato, desde o início nos incomodava a existência de vários projetos da Associação Roda Viva na comunidade do Borel que, embora trabalhassem praticamente com as mesmas crianças e adolescentes, não apresentavam qualquer tipo de articulação. Além de nosso projeto de esporte/lazer, havia um projeto de arte-educação e outro de reforço escolar.

Assim, em 1998 resolvemos tentar articular todos os projetos, na perspectiva de construir um trabalho em conjunto. Partiu de nossa equipe tal iniciativa, concretizada em reuniões com os consultores dos outros projetos e depois com todos os profissionais envolvidos. A idéia era inicialmente estabelecer uma temática central a ser trabalhada por todos, abrindo-se perspectivas de interrelacionamentos entre as equipes.

As nossas reuniões de consultoria passaram a ser destinadas a discutir tal possibilidade, para a programação orientada de atividades e para a discussão de conteúdos que auxiliassem os animadores a montarem sua intervenção cotidiana. Mais ainda, a supervisão e o acompanhamento tornaram-se mais frequentes, pois imaginamos que os objetivos não seriam tão fáceis de serem alcançados.

A despeito do desenvolvimento alvissareiro de tal perspectiva na equipe de animadores de esporte/lazer, os outros projetos não desenvolveram a idéia conforme combinado, não se preocuparam efetivamente com o projeto unificado e mesmo chegaram a abandoná-lo no meio do caminho.

Mais ainda, os problemas de financiamento se acirraram, dificultando a compra de material, a operacionalização de atividades fora do morro e mesmo tornando freqüente o atraso dos salários de animadores e consultores. O problema chegou a tal ponto que para não encerrar o projeto, houve redução da carga horária da equipe, nova redução da carga horária dos consultores e finalmente a eliminação das verbas de consultoria.

Isso já acontecera antes no que se refere a nossa consultoria, mas sempre havendo a perspectiva de retomada do financiamento. Dessa forma,

trabalhávamos alguns meses sem salário, que era pago logo que o financiamento chegava. Dessa vez, contudo, nem mesmo a perspectiva breve de financiamento existia. Assim, julgou-se mais adequado suspender a consultoria para que o trabalho de intervenção com as crianças não fosse mais prejudicado pelos problemas financeiros.

### Expectativas

Com a suspensão dos trabalhos de consultoria, depois de 4 anos de trabalho efetivo, estamos aguardando a possibilidade de retomar tão breve quanto possível nossa atuação. Temos clareza que a equipe já se desenvolveu o suficiente para dar continuidade com qualidade ao seu trabalho, mas acreditamos que a retomada da consultoria pode não somente garantir a manutenção do estágio já adquirido, como ainda possibilitar a continuidade de aperfeiçoamento constante. Isto é, para nós é central a perspectiva da auto-gestão da comunidade, mas o acompanhamento continuado pode garantir efetivamente um trabalho de melhor qualidade.

Também devemos ressaltar os limites de atuação de uma organização não governamental, sempre tendo que lidar com os sobressaltos e paradoxos ocasionados por suas fontes de financiamento. Compreendemos que tais iniciativas de intervenção/capacitação deveriam partir fundamentalmente dos órgãos governamentais, a partir do estabelecimento de políticas públicas de lazer que efetivamente possam contribuir com a construção da cidadania da população a partir de uma perspectiva crítico-superadora, não assistencialista.

Enquanto isso não ocorre, tentamos dar seguimento ao nosso trabalho da melhor forma possível, até mesmo porque a despeito dos desmandos, da violência, do caos, das desigualdades, a comunidade do Borel não pára. O trabalho continua e deve continuar com todas as suas fragilidades e provisoriiedades. A despeito de todos os problemas, a cidade não pára:

*“De gatilho digital,  
De sub-UZI equipadinha,  
Com cartucho musical,  
De contrabando militar,  
Da novidade cultural,  
Da garotada favelada suburbana  
De shortinho e chinelo,  
Sem camisa carregando*

*Sub-UZI equipadinha  
Com cartucho musical.  
De batucada digital.  
Na cidade sangue quente,  
Na cidade maravilha mutante,  
a cidade não pára, a cidade não pára”*

(Rio 40 graus)

**ABSTRACT:** *This article has for purpose to describe an experience of empowerment of leisure professionals in the Morro do Borel, a community situated in the Tijuca district, North Zone of Rio de Janeiro. Our experience has been developed together to 'Associação Projeto Roda Viva', a non-governmental organization that develop initiatives trying to recover the citizenship of the inhabitants of that community. In this article, we intend to show the different stages of our experience in the last four years, the main theoretical considerations as well as the difficulties that we have found. We intend to contribute with professionals that have been working with this kind of purpose as well as to alert to the peculiarities of the leisure proposal in poor communities/shantytown.*

**KEYWORDS:** *leisure; professional formation; poor communities/shantytown.*

### Referências Bibliográficas

- MACHADO, M.S. O esporte e o lazer na construção da cidadania. IN: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 6, 1994, Brasília. *Coletânea de resumos e programação*. Brasília: Editora, 1996.
- MORADIA: escândalo social: IN: PIRES, A. O Rio das desigualdades: zona Oeste, exclusão e cidadania. Rio de Janeiro: Partido dos Trabalhadores, 1996.
- PIRES, A. Moradia: escândalo social. IN \_\_\_\_\_, *O Rio das desigualdades: zona oeste, exclusão e cidadania*. Rio de Janeiro: Partido dos Trabalhadores, 1996.